

A imagem do Cruzeiro resplandece¹

Filipenses 2.5-11 e o hino nacional brasileiro

Oneide Bobsin

Resumo

Esta pregação realizada na capela da Escola Superior de Teologia da IECLB, em São Leopoldo, propõe um inusitado e desafiador paralelo entre o “hino cristológico” da Carta do apóstolo Paulo aos Filipenses, que acentua a dimensão de esvaziamento do Cristo que se

doa, e o hino nacional brasileiro, que exalta as grandezas da Pátria. Neste ano de festejos pelos 500 anos de Brasil, o evangelho denuncia a escravidão e anuncia novos caminhos de promoção da vida.

Resumen

Esta predicación realizada en la Capilla de la Escuela Superior de Teología de la IECLB en São Leopoldo, propone un inusitado y desafiador paralelo entre el “Himno Cristológico” de la Carta del Apóstol Paulo a los Filipenses que acentúa la dimensión de un

vaciamiento del Cristo que se dona, y el himno nacional brasilero, que exalta las grandezas de la Patria. En este año de festejos de los 500 años de Brasil, el evangelio denuncia la esclavitud y anuncia nuevos caminos de promoción de la vida.

Abstract

This sermon that was preached at the chapel of the Escola Superior de Teologia of the IECLB in São Leopoldo, proposes an unusual and challenging parallel between the “Christological hymn” of Paul’s letter to the Philippians, which accentuates the dimension of the

emptying out of Christ who gives of himself, and the Brazilian National Anthem, which exalts the greatness of the nation. In this year of celebrations because of the 500 years of Brazil, the Gospel denounces slavery and announces new paths for promoting life.

- 5 Tende a atitude que (corresponde à vida) em Cristo Jesus:
 6 (Ele) que vivia em subsistência divina,
 não se agarrou sequiosamente ao ser igual a Deus,
 7 mas despojou-se a si mesmo,
 adotou existência de escravo,
 tornou-se igual aos homens
 e, por seu aspecto, foi reconhecido homem.
 8 A si mesmo se rebaixou
 e se fez obediente até à morte – à morte na cruz.
 9 Por isso Deus também o exaltou acima de tudo
 e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes,
 10 para que ante o nome de Jesus “todo joelho se dobra”,
 dos (poderes) celestiais, terrenos e subterrâneos
 11 “e toda língua confessa:”
 Senhor é Jesus Cristo – para a glória de Deus, Pai.

(Tradução de Gerhard Barth, à p. 43 da obra citada na Bibliografia.)

Amigas e amigos!

Faltam 500 dias para os 500 anos do Brasil; faltam 235 dias para os 500 anos do Brasil; faltam 100 dias para os...; faltam 20 dias para os...; enfim, faltam apenas 10 dias para os 500 anos do Brasil. E, assim, diariamente o relógio do Brasil global² mostrava que falta menos no país em que sempre falta mais.

Na busca de pontes críticas entre o contexto dos preparativos das festividades do aniversário dos 500 anos do Brasil e o significado do Domingo de Ramos nasceu o tema central da pré-dica: olhar para os preparativos e festejos triunfalistas dos 500 anos a partir de Filipenses 2.5-11. A imaginação correu solta e me levou a fazer um paralelo entre o texto de Filipenses, conhecido como hino cristológico, e o hino nacional brasileiro.

(Leitura do hino nacional brasileiro.)

Faltam apenas 10 dias para os 500 anos do Brasil, onde “brilhou o sol da

liberdade, em raios fúlgidos”, vindos do “céu da Pátria”, pátria cuja igualdade “foi conquistada com braço forte”, e que espera que “desafie o nosso peito a própria morte!”. A uma Pátria assim todos exaltam cantando a uma só voz: “Ó Pátria Amada, Idolatrada, Salve! Salve!”

Quem não idolatra um país que é “gigante pela própria natureza”; que “é belo, é forte, impávido colosso” e cujo solo, ao mesmo tempo, é “uma mãe gentil, Pátria amada, Brasil”, quem não se entrega a ela idolatradamente não é digno do seio com “mais amores”.

O gigante pela própria natureza está “deitado eternamente em berço esplêndido. Teus risonhos, lindos campos têm mais flores; nossos bosques têm mais vida, nossa vida em teu seio mais amores”. Mas não basta cantar o gigantismo da Pátria idolatrada. É necessário dizer mais: “Verás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte.”

Nossa leitura do hino nacional brasileiro exalta a natureza, como já fize-

ram tantos outros desde 1500. Marilena Chaui, num artigo sobre o mito do país-paráiso, nos mostra como navegantes e evangelizadores não se cansaram de exaltar a formosura das praias imensas, a variedade de seus arvoredos e animais, a fertilidade de seu solo. Cita trecho da carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei Dom Manuel sobre o Achamento do Brasil: “Águas são muitas; infundas. E em tal maneira graciosa que, querendo-se aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.” Assim, o Brasil, segundo Chaui, é descrito como um Jardim do Éden. Aqui reina a primavera eterna contra o “outono do mundo”³. Como no hino nacional, a beleza é descrita com palavras teológicas.

Chaui também nos lembra os sonetos de Olavo Bilac, que foram decorados por muitos de nós por ocasião da Semana da Pátria: “Ama com fê e orgulho a terra em que nasceste! / Criança, jamais verás país como este! / Olha que céu, que mar, que floresta! / A natureza, aqui perpetuamente em festa, / É um seio de mãe a transbordar carinhos.”

Também podemos recordar as explicações sobre as cores da bandeira nacional nas aulas de Educação Moral e Cívica. O verde representa as nossas florestas; o amarelo, o nosso ouro, nossas riquezas; o azul, o nosso céu. E quem dos acima de 40 anos não recorda da marchinha encomendada pelo regime militar nos anos 70 para embalar os jovens a favor da “revolução” de 64? Canto algumas estrofes: “Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil, eu te amo, meu Brasil, eu te amo. Ninguém segura a juventude do Brasil.” A marchinha continua falando da beleza das praias, onde de madrugada se pode estar “com o meu amor...”

E, enquanto se cantava a marchinha, nos porões a tortura corria solta, sob um céu azul onde “a imagem do Cruzeiro resplandece”. Assim, ao se reconhecer o Cruzeiro na natureza, esquecem-se as cruzes terrestres.

A louvação nacional fica na ordem da natureza. Deus, em sua divina providência, criou este gigante, belo, forte, com glória no passado e paz no futuro; sem presente. Glorificamos o passado. Ele é glorioso como o é a natureza. Não temos presente. E a paz é jogada para o futuro. Cantado, pois, como um Jardim/paráiso; repetido como Jardim do Éden, fundamos o Brasil miticamente⁴. Isto é, re-fundamos o Brasil. Ficamos na natureza, como se não tivéssemos história. Até parece que o nosso gigantismo não é fruto de sangue e de suor de índios, de negros e de tratados políticos entre grandes! Nosso passado, cantado como glorioso, foi de morte. Em nossos lindos campos trabalharam escravos, etc.. Os risonhos campos foram cortados por cercas e estradas. Em nossos bosques foram mortos os Mucker, sem esquecer dos massacres de Contestado, Canudos e de Eldorado dos Carajás, que será lembrado no dia 17.

Vejam como o nosso mito fundante nos tira da história para esquecermos que a própria natureza está sendo destruída. Assim, cantamos um passado de mentira e um futuro ainda distante para encobrir as agruras do presente.

Hino cristológico.

Mas que pontes podem ser construídas entre Filipenses 2 e o mito fundante do Brasil? Relembremos alguns aspectos do texto de Paulo aos filipenses: o Cristo preexistente é um contraponto de sua decisão de descer, abrir mão da condição de ser igual a Deus. Cristo esva-

ziou-se, assumiu a condição de servo: humilhou-se, sendo obediente até a morte, morte na cruz. Assim, depois de mergulhar na história, foi exaltado, condição para ser o Senhor diante do qual todos os joelhos (e poderes) devem se dobrar.

Desta forma, Paulo reveste o coração da fé numa linguagem mítica⁵. Explico brevemente. O povo para quem Paulo falou entendia a linguagem do rebaixamento e da exaltação. Um deus descia de seu trono celestial, passava pela terra e voltava para os céus. Pode ser que alguma divindade, ao passar pela terra, engravidasse uma mulher e voltasse para as alturas, deixando aqui um filho de deus. Outra possibilidade: uma divindade deixava o mundo de luz, passava pelas trevas e voltava para o fulgor. Esta era a linguagem que o povo a quem Paulo se dirigia podia entender.

Em outras palavras, Paulo usa a embalagem que o povo conhecia para trazer um presente desconhecido. Paulo embalou o coração da fé na linguagem do povo, que era mítica. Com ele fez isto? Falou de Jesus que tinha a condição divina, mas não se “agarrou ao ser igual a Deus”. Antes, esvaziou-se... até a morte na cruz. Depois foi exaltado. Como vemos, a novidade é a cruz na história. Na linguagem mítica, a divindade não se misturava com a humanidade, não se comprometia com a história das mulheres e dos homens. A cruz é fincada na história. E isto muda tudo, mesmo que a embalagem seja antiga.

A exaltação da natureza no hino nacional e em outros discursos sobre o Brasil que já era preexistente, pois está deitado eternamente... impede que cheguemos à realidade, conforme Marilena Chauí. A exaltação e glorificação da natureza podem vedar o nosso acesso à rea-

lidade dos crucificados. A providência divina, pois, elegeu este solo mãe gentil e o deu àqueles que se encheram e se encham ao esvaziarem de dignidade os/as índios/as, os/as negros/as, enfim, os/as excluídas.

Deixando, portanto, o reino da natureza e mergulhando na história, nossos olhos podem ressimbolizar ou ressignificar a bandeira nacional. Convidoo/as a colocar as lentes de Paulo e olhar para a nossa bandeira.

O verde simboliza a luta dos camponeses e dos sem-terra por justiça; o amarelo representa a busca da cidade do sol, um mundo justo, conforme a utopia de Campanella; o azul poderia representar o fim de governos autoritários e o branco, a paz conquistada na luta pela justiça. Também não cantaríamos as glórias do passado, mas choraríamos os milhões de negros e negros mortos/as sob a crueldade da escravidão, que está presa a nós como uma cicatriz, conforme Darci Ribeiro⁶; lamentaríamos a morte de índios/as. Enfim, com os óculos da cruz choraremos nosso amarelo que está sendo roubado, nosso verde que está sendo ressequido, nosso azul que, poluído pelos nosso carros, virou cinzento, impedindo-nos de ver o céu azul.

Jesus rebaixou-se, esvaziou-se e, exaltado, tornou-se senhor. Quem dobra o joelho diante dele se coloca do lado dos rebaixados e das mulheres esvaziadas de dignidade pela violência de homens. Mas isto é difícil, alguém dirá. É melhor ficar na linguagem mítica, lá no alto, fazendo pontes aéreas, sem baixar para o chão das gentes sofridas. Pelo menos a gente não suja as mãos com os/as crucificados/as. Afinal, o sofrimento é uma questão de perspectiva! Assim, embalados pela linguagem “mítica”, que nos fecha a porta à realidade nua e crua,

afirmamos: “Que cada um carregue a sua cruz!”

Mas quem dobrar o joelho diante do servo Jesus dirá daqui a dez dias: ainda faltam milhões de casas para o nosso povo favelado; ainda faltam 20 milhões de empregos; ainda faltam milhares de delegacias para mulheres violentadas e crianças exploradas sexualmente; ainda faltam escola, saúde, educação e vontade política para fazer a reforma agrária. Ainda falta, ainda falta...

Mas, acima de tudo, falta a nós nos deixarmos rebaixar, nos esvaziarmos,

para que o Jesus servo ocupe um lugar nas nossas vidas a fim de sermos exaltados na justiça.

Fecho a prédica abrindo-a para baixo com uma frase que um filho de um pastor copiou de um muro em São Paulo: “Todo homem quer ser rei. Todo rei quer ser Deus. Só Deus quis ser homem.” Traduzam-na para uma linguagem inclusiva e comemorem os 500 anos ao lado dos rebaixados/as, os quais o Jesus/servo elevará “para a glória de Deus”. Amém.

Bibliografia

- BAKKEN, Norman. Filipenses 2.5-11. In: *Proclamar Libertação*. São Leopoldo : Sinodal, 1985. v. XI, p. 216-220.
- BARTH, Gerhard. *A Carta aos Filipenses*. São Leopoldo : Sinodal, 1983.
- BRUNKEN, Werner. Filipenses 2.5-11. In: *Proclamar Libertação*. São Leopoldo : Sinodal, 1991. v. XVII, p. 97-101.
- COMBLIN, José. *Epístola aos Filipenses*. Petrópolis : Vozes; São Bernardo do Campo : Imprensa Metodista; São Leopoldo : Sinodal, 1985.
- CHAUÍ, Marilena. Brasil: o mito fundador. *Folha de S. Paulo*, Caderno MAIS, 26/03/2000, p. 5-11.
- MARTIN, Ralph P. *Filipenses – Introdução e Comentário*. São Paulo : Vida Nova/Mundo Cristão, 1985.
- RIBEIRO, Darci. *O povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.
- VOLKMANN, Martin. Filipenses 2.5-11. In: *Proclamar Libertação*. São Leopoldo : Sinodal, 1979. v. V, p. 57-64.

Notas

- ¹ Prédica alusiva ao Domingo de Ramos de 2000, proferida em 12 de abril, na Capela da EST. Em razão da publicação manteve-se o texto proferido no culto, acrescido, posteriormente, de notas explicativas. Zacarias 9.9-10, Marcos 15.1-39 e o Salmo 31.1-5,11-15a são leituras indicadas pelo lecionário ecumênico para o Domingo de Ramos. A bandeira nacional foi exposta ao lado do púlpito durante o culto.

- ² Um grande relógio da Rede Globo de Televisão, exposto na praia de Salvador, Bahia, fazia a contagem para o dia da festa dos quinhentos anos. Por ocasião dos festejos oficiais, o relógio foi alvo de flechas disparadas por índios, denunciando a farsa da história oficial.
- ³ Marilena CHAUI, *Brasil: o mito fundador*, p. 10.
- ⁴ “Vivemos na presença difusa de uma narrativa de origem. Essa narrativa, embora elaborada no período da conquista, não cessa de repetir porque opera como nosso mito fundador. Mito no sentido antropológico: solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos na realidade. Mito na acepção psicanalítica: impulso à repetição por impossibilidade de simbolização e, sobretudo, como bloqueio à passagem à realidade.” ID., *ibid.*
- ⁵ Gerhard BARTH, *A Carta aos Filipenses*, p. 51. “Teríamos então um mito em Fp 2.6-11? Muitos se assustam ante esta idéia, por medo de perder o chão debaixo dos pés e de que o cristianismo acabasse sendo considerado corrompido e degenerado pelo paganismo, caso o hino fosse influenciado pelo mito do homem primevo. (...) Mas se constatamos que certas noções foram adotadas do mito, isto de forma alguma significa que o hino esteja narrando um mito. (...) O mito fala da descida e ascensão do ente divino, mas não de uma humanização, encarnação real. O hino fala de uma pessoa histórica Jesus de Nazaré, crucificado sob Pôncio Pilatos. O mito relata um evento primevo que sempre se repete em cada pessoa, assim procurando interpretar a estrutura e a natureza do ser, para isto narrando o eterno retorno da mesma coisa. O hino, entretanto, relata um evento único, no qual Deus agiu de modo salvífico. Nisto ele sem dúvida faz uso de elementos do mito, ou melhor, adota concepções isolados do mito (...) por que haveria necessidade de adotar elementos do mito? A resposta é simples: por adotar a linguagem do ouvinte.”
- ⁶ Referindo-se à escravidão, Darci Ribeiro diz o que segue: “Nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira redispоста a torturar, seviciar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária.” Darci RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 120.

Oneide Bobsin
Rua Amadeo Rossi, 467
93030-200 – São Leopoldo – RS